

“EU NÃO SEREI EU, EU SEREI NÓS”: A COMUNIDADE IMAGINADA DE JACINTA PASSOS

Viviane Ramos de FREITAS*
Rubens da CUNHA**

- **RESUMO:** Jacinta Passos (1914 – 1973) foi uma escritora baiana, professora, jornalista, militante política e feminista. Neste artigo, realizamos uma leitura de poemas publicados nos livros *Momentos de poesia* (1942), *Canção de partida* (1945) e *Poemas políticos* (1951), reunidos no volume organizado por sua filha, Janaína Amado, intitulado *Jacinta Passos, coração militante* (2010). A nossa análise pauta-se na perspectiva do “contemporâneo” de Agamben (2009), da noção de “comunidades imaginadas” de Anderson (2008) e nos estudos decoloniais. A utopia no horizonte da obra de Jacinta Passos revela o duplo gesto do escritor contemporâneo, referido por Agamben, de aderir a seu próprio tempo e, ao mesmo tempo, dele se distanciar para melhor conseguir vê-lo. O tratamento dado, pela escritora, às desigualdades de raça, gênero e classe, assim como o mergulho no tempo da existência, da experiência, nos seus poemas, permitem-nos interrogar o tempo linear das grandes narrativas que deram sentido ao projeto da modernidade e abrir espaço para outras temporalidades, para a construção ativa do nosso próprio presente.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Jacinta Passos. Comunidades imaginadas. Decolonialidade. Feminismo. Utopia.

Introdução

Jacinta Passos nasceu em 30 de novembro de 1914 em Cruz das Almas, no Recôncavo da Bahia, e faleceu em 28 de fevereiro de 1973 em Aracaju, Sergipe. Recebeu o reconhecimento de críticos e escritores como Antonio Cândido, Aníbal Machado, Mário de Andrade, Roger Bastide, dentre outros. Jacinta Passos é autora

* Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) – Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT) - Departamento de Códigos, Línguas, Literatura e Discurso - Santo Amaro – BA – Brasil. 44200-000 - viviane.defreitas@ufrb.edu.br.

** Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) – Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT) - Departamento de Códigos, Línguas, Literatura e Discurso - Santo Amaro – BA – Brasil. 44200-000 - rubensdacunha@ufrb.edu.br.

de poemas, contos, peças teatrais e “radioteatro”, dentre outros gêneros. Seus textos estão reunidos no livro organizado por sua filha, a historiadora Janaína Amado, intitulado *Jacinta Passos, coração militante: poesia, prosa, biografia, fortuna crítica*, publicado pela Editora Corrupio em parceria com a Editora da UFBA, em 2010. Esse volume integra a obra da escritora¹, além de uma biografia, feita por sua filha, e uma fortuna crítica com textos compilados de publicações anteriores, bem como produzidos para essa edição. A escritora teve uma atuação importante também no jornalismo. Na década de 1940, foi uma das jornalistas mais ativas da Bahia. Colaborou também em jornais e revistas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Os temas sobre os quais escrevia, como jornalista, continuaram presentes de diferentes formas na sua poesia e através da sua atuação política e intelectual. Esses assuntos envolvem, principalmente, a luta pela conscientização política, por transformações sociais e pelo lugar da mulher na sociedade.

O ano era 1942. O mundo avessado por uma guerra. O Brasil atravessado pela ditadura de Getúlio Vargas, denominada “Estado Novo”. Jacinta Passos, junto com seu irmão, Manuel Caetano Filho, publica um livro singelamente intitulado de *Momentos de poesia*. O livro continha 38 poemas de Jacinta e 22 de seu irmão e foi editado pela Editora Bahiana. Jacinta já havia se inserido na vida cultural e política de Salvador, cidade para onde se mudou, com a família, aos 12 anos. Era professora de matemática e participava de círculos literários, como Ala das Letras e das Artes. Vinda de uma formação tradicional e católica, Jacinta, ainda no período do lançamento do livro, mantinha-se muito religiosa², sendo essa uma das características mais fortes de muitos dos seus poemas, sobretudo aqueles datados do começo da década de 1930, quando a jovem poeta estava em torno dos 20 anos.

Se em *Momentos de poesia* predominam o teor religioso e temas existenciais, no segundo livro, *Canção de partida*, o caráter místico-religioso e as grandes questões humanas cedem lugar ao engajamento político, à cor local do Recôncavo Baiano e de Salvador e à marca autobiográfica. Nesse segundo volume, a imbricação entre o pessoal e o político também passa a ser um traço muito mais acentuado do que no primeiro livro.

O ano de 1945 foi marcado pelo fim da II Guerra Mundial e pelo movimento de redemocratização do Brasil, com o fim da ditadura do Estado Novo (1937 - 1945). Há o início de um período de populismo democrático, quando Getúlio Vargas, para continuar no poder, permite a reorganização dos partidos e a legalização do PCB (Partido Comunista Brasileiro), que volta temporariamente à

¹ Outros poemas e textos escritos por Jacinta Passos, como peças teatrais adultas e infantis, foram destruídos pela família como meio de protegê-la durante a ditadura militar. Desse modo, parte da sua obra foi perdida definitivamente.

² Informações biográficas disponíveis em <http://jacintapassos.com.br/cronologia/>.

cena política. Esse momento de trégua e esperanças renovadas é corroborado pelo cenário internacional, em que os Estados Unidos e a extinta União Soviética viviam uma relação amistosa, unidos pela luta contra os países dominados por regimes nazi-fascistas, Itália, Alemanha e Japão, derrotados na II Guerra. Esse é o ano de publicação de *Canção de partida*, em São Paulo, pela Edições Gaveta. Foram somente duzentos exemplares, ilustrados por Lasar Segall.

O livro tem apenas 18 poemas, no entanto, diferente do livro anterior, os poemas são maiores, mais fluidos e ritmados, demonstrando que a escritora também estava aprimorando a sua técnica, além de aprofundar a temática. Apesar de o livro ser publicado nesse ano, os poemas de *Canção de partida* são escritos entre 1941 e 1944. A filiação de Jacinta ao PCB ocorreu apenas em 1945, portanto os poemas desse livro carregam uma dimensão ainda muito de enfrentamento à ditadura de Getúlio Vargas, de clandestinidade, de canto sufocado que precisa ser libertado e ouvido.

Desde o ano anterior, Jacinta Passos e o marido, James Amado, haviam se mudado para São Paulo. O casal se inseriu rapidamente num círculo de artistas e intelectuais muito atuantes na capital paulista. Entre 1942, ano da publicação de *Momentos de poesia*, e 1945, é um período em que Jacinta Passos abre horizontes, mas ao mesmo tempo firma suas certezas e sua escrita de cunho social. Não à toa, além dos poemas inéditos que compõem *Canção de partida*, Jacinta Passos republica três poemas de *Momentos de poesia*: “Cantiga para as mães”, “Canção Simples” e “Carnaval”. Os dois primeiros trazem um olhar revelador e denunciador da condição da mulher presa a um destino marcado de submissão ao patriarcado. Em “Carnaval”, Jacinta olha para essa grande festa e faz um louvor às misturas, à destruição de classes, mesmo que ilusória, que o carnaval propõe: “[...] de que subsolo irrompeu, informe, nua / essa nova realidade sem nome que dança na rua?” (PASSOS, 2010, p. 72), a poeta se pergunta no meio do poema, para no final dar uma resposta-manifesto de seus posicionamentos políticos e poéticos: “[...]Um povo surgiu, surgiu não sei donde / dançando, cantando, um povo surgiu. / Os homens do mundo estão no meu sangue. / No meu sangue, / as raças / as classes / os povos / misturam-se.” (PASSOS, 2010, p. 72-73).

Em 1951, Jacinta publicaria *Poemas políticos* pela Livraria-Editora Casa do Estudante, do Rio de Janeiro. O livro apresentava 10 poemas inéditos, escritos entre 1945 e 1950, além de nove poemas publicados anteriormente em *Canção de partida*. A escrita desses poemas coincide com um tempo muito turbulento na vida pessoal de Jacinta. Ela sofre um aborto com oito meses de gravidez e logo em seguida muda-se para Porto Alegre, onde filia-se oficialmente ao PCB. Pouco tempo depois, atendendo às necessidades do Partido, retorna a Salvador. Candidata-se a deputada federal constituinte, perde a eleição e vê a si mesma e seus companheiros serem perseguidos e agredidos por serem comunistas. Passa por outra gravidez de risco, ficando sete meses internada no Hospital da Pro Matre, ainda em Salvador. Mesmo

internada, candidata-se novamente, dessa vez a deputada estadual constituinte, mas, como não fez campanha, perdeu novamente a eleição. A sua única filha nasce, e o PCB volta à ilegalidade. Jacinta muda-se com a família para uma fazenda no sul da Bahia. Aos poucos, retorna às suas atividades de escritora, de jornalista e faz viagens a Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. É nesse turbilhão biográfico que os poemas publicados em *Poemas políticos* são escritos. Nota-se que, além das preocupações sociais e éticas, Jacinta manteve seu lirismo e uma fina camada de esperança que cobria seus poemas: “[...]Jasmim da noite floriu [...] / acabou-se o bem e o mal. / Já tirei os meus sapatos, / vesti meu manto real.” (PASSOS, 2010, p. 159)³.

Como pensar a visão sobre nação, pátria e feminismo que existe na obra poética de Jacinta Passos dentro de uma perspectiva decolonial? Um dos caminhos possíveis é entendê-la como uma autora contemporânea que, de acordo com o pensador italiano Giorgio Agamben (2009, p. 72), não seria apenas uma percepção do “escuro do presente” para com isso conseguir apreender a luz desse mesmo presente, mas também seria “aquele que dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história”. Assim, o contemporâneo é capaz de citar a história de acordo com uma necessidade que não advém de seu próprio arbítrio, mas de uma “exigência à qual ele não pode responder” (AGAMBEN, 2009, p. 72).

Um contemporâneo seria alguém capaz de um duplo movimento em relação a seu próprio tempo: aderir a esse tempo e, ao mesmo tempo, afastar-se dele. Quem apenas adere a seu tempo não consegue vê-lo, portanto, é preciso sempre um afastamento, uma “dissociação e um anacronismo” (AGAMBEN, 2009, p. 59). Jacinta Passos é uma dessas escritoras que podem ser lidas como contemporâneas, pois fez uma obra profundamente aderida a seu tempo, mas também foi capaz de vê-lo à distância, ver o escuro de seu presente e colocá-lo em interpolação com outros tempos, sempre na esperança da transformação da sociedade em algo mais justo, mais igualitário. O Brasil atravessado por regimes autocráticos, o mundo envolto numa guerra de proporções gigantescas e Jacinta, contemporânea que é, ficou colada ao seu tempo ao denunciar injustiças, exclusões, violências, mas muitas vezes se descolou dele ao propor um caminho para a utopia: “[...]chegará um tempo no tempo / em que na terra conquistada, os homens, todos os homens, como vós, minhas puras criancinhas / receberão a vida, a vida simplesmente, como o dom supremo” (PASSOS, 2010, p. 127).

³ Em 1957, Jacinta Passos publicaria seu quarto livro de poemas, chamado *A coluna*. Trata-se de um poema épico sobre a Coluna Prestes e que provavelmente foi encomendado pelo Partido Comunista Brasileiro. Neste trabalho nos deteremos apenas nos três primeiros livros da autora.

“O país para onde vamos”

Em *Momentos de poesia*, muitos dos poemas possuem um interlocutor direto, a quem Jacinta chama “Senhor” e a quem faz pedidos, perguntas e súplicas. Já no primeiro poema, “Poesia Perdida”, o verso final estabelece uma espécie de dúvida-conflito que se aprofundaria na poética da autora: “Por que existo, Senhor, quando não posso cantar?” (PASSOS, 2010, p. 31). Esse verso, escrito na juventude, afirma o compromisso que Jacinta sempre teve com a poesia, tanto que sua profunda militância política aconteceu, sobremaneira, no seu fazer poético. Lutar por justiça, enfrentar preconceitos, machismos e a ferida do colonialismo tão presente na região onde nasceu e cresceu, ser uma mulher com voz, escrita e liberdade, são coisas que movimentaram Jacinta durante a sua vida. Quanto mais ela se aprofundou nessas lutas, mais a sua existência aconteceu pelo canto. Noutro poema, escrito quase dez anos depois de “Poesia perdida”, ela reafirma a certeza já no título “Eu serei poesia”: “[...]Eu não serei eu, eu serei nós / serei poesia permanente / poesia sem fronteiras” (PASSOS, 2010, p. 81).

Como se sabe, as décadas de 1930 e 1940 foram marcadas por crises sociais, conflitos ideológicos e pela presença de regimes autoritários que pregavam um nacionalismo conservador e anticomunista. A II Guerra Mundial (1939-1945), contexto relevante para a poesia de Jacinta Passos, reflete a culminação do nacionalismo competitivo e dos conflitos entre nações europeias e expõe as tragédias de um mundo devastado pela guerra. No poema “Guerra”, Jacinta extrapola o conceito de nação e nacionalismo e pensa a humanidade como um todo que pode ser refletido ou sofrido pelo indivíduo. Novamente, ela busca ultrapassar as fronteiras:

[...] Eu sou a humanidade que sofre [...] / Caminho pelas cidades transformadas em trincheiras. / Choro com as mulheres a saudade dos lares vazios / a perda dos filhos – o próprio ser mutilado. [...] Sofro nessa fornalha imensa onde se misturam homens de todos os povos [...] / Eu sou a humanidade que sofre / experimento no meu espírito e na minha carne / este instante de dor universal. (PASSOS, 2010, p. 56-57)

Nesse período, Jacinta também já questiona, por um viés feminista, a visão tradicional e idealizada de nação e pátria⁴, propagada tanto pelas abstrações do

⁴ De acordo com Fernando Catroga (2007, p. 23) “[...] Os conceitos de pátria e de nação têm origem e significados diferentes. É que o primeiro supõe o ato de concepção, enquanto que o segundo indica o de nascimento. Todavia, na sua evolução semântica, é um fato que eles se cruzam. A nação está na pátria, pelo que exige um território (real ou imaginário) e uma população. Em simultâneo, para se afirmar como um “nós”, ela ter-se-á de narrar como um destino sacral, ditado pelas origens. Por isso, todos os mitos estruturantes das identidades nacionais reivindicam uma linhagem como fase

discurso cartográfico quanto pelos discursos nacionalistas, que caracterizam de forma emblemática o que Benedict Anderson (2008) denomina “comunidades imaginadas”. A “nação” é definida como uma comunidade política que é imaginada, uma vez que a maioria dos seus membros jamais se conhecerá, mas em cada uma das suas mentes predomina a imagem da comunhão entre eles. Partindo de uma ideia de Ernest Gellner de que o nacionalismo não desperta nenhum tipo de autoconsciência das nações, mas uma espécie de inventor de nações onde elas não existem, Benedict Anderson pensa que a nação é imaginada como uma comunidade, pois “[...] independentemente da desigualdade e exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem universal.” (ANDERSON, 2008, p. 34).

O poema “Diálogo num país qualquer” é estruturado como uma conversa entre um marido e uma esposa. Logo no início, constatamos que a mulher esperava ansiosamente que o marido conseguisse um adiantamento no trabalho para comprar remédio para o filho que estava doente: “[...] – você arranjou o dinheiro? / O dinheiro da receita? / Sim, coitado do meu filho, ficou sozinho o dia inteiro, / doente como está” (PASSOS, 2010, p. 77). No entanto, contrariando as expectativas da mulher, o marido lhe diz que não tinha conseguido o dinheiro, pois todos na empresa haviam sido convocados para uma reunião importante. A partir dessa justificativa, a mulher dispara perguntas que atestam, acima de qualquer curiosidade, a sua indignação sobre o que seria mais importante do que conseguir o dinheiro para o remédio do próprio filho:

[...] – E para que fizeram reunião? / – Foi uma espécie de comício. / O diretor fez um discurso, / disse que a hora é grave, que exige sacrifício. / A pátria está ameaçada. / Cada homem deve dar até a própria vida / para defender o que é nosso, / para defender a pátria estremecida. / – E ele disse o que é pátria? / – Disse que pátria é tudo o que nós temos. / É a nossa terra / e tudo de bom que esse nome encerra. / É o alimento que nos vem do solo, / é o pão, / a água que bebemos, / o fogo que nos aquece, / a casa onde vivemos. (PASSOS, 2010, p. 77-78)

Em resposta, a mulher apresenta uma definição de pátria que contesta o idealismo e as abstrações do sentido de pátria defendidos pelo diretor da empresa e endossados pelo marido:

[...] – Pátria é tudo o que nós temos. / Meu filho doente, / sem remédio, / sem alimento, / sem um cobertor para a hora do frio. / Água comprada por três mil

da comunidade política.” Pensaremos pátria e nação dentro dessa perspectiva de interdependência conceitual.

réis a lata. / Fogo no candeeiro de gás que a vizinha emprestou. / O dono da casa exigindo o aluguel. / Será que a gente tem mesmo pátria, Manuel? (PASSOS, 2010, p. 78)

A definição da mulher confronta as ideias de proteção, abundância e promessa de felicidade, associadas à pátria, com imagens de privação, exploração e morte. O capital, aliado a um Estado ditatorial, emana discursos, promessas, cria patriotismos para serem assimilados pelas classes trabalhadoras, que muitas vezes aceitam como verdades e sem questionamentos maiores o discurso, o imaginário, as abstrações que reafirmam a subserviência ao projeto de pátria e de nação. Esse aspecto é endossado pelo discurso do diretor, sugestivamente em forma de comício, em que a pátria “ameaçada” e “estremecida” assume o valor da própria vida⁵. O marido, no caso do poema, age como um reprodutor do discurso que ele recebeu, não desconfia, não questiona, não prioriza a sua individualidade de família. Apenas se massifica, escuta e aceita.

Jacinta, envolta com as questões feministas e marxistas que vinha estudando e defendendo, encerra o poema com uma pergunta que lança dúvida sobre a própria existência da pátria. Se, para o diretor e para o marido que assumiu essa visão, a pátria é definida como “tudo que temos”, “tudo de bom que esse nome encerra”, o questionamento da mulher faz o sentido de pátria coincidir com o vazio simbólico e material. Essa falta de valor e de sentido, amparada no poema pela presença ameaçadora da privação e da morte, está anunciada pelo seu título, em que há uma recusa a nomear o país. A ausência do nome e o uso do pronome indefinido “qualquer” põem em xeque o próprio discurso nacionalista que cria um campo de significados altamente fluido e ambivalente, que pode ser manipulado e frequentemente reinventado em momentos críticos das histórias dos estados-nação.

Poemas como esse nos conduzem a uma reflexão sobre o lugar ocupado pela mulher diante dos projetos nacionalistas. Significativamente, cabe à mulher, no poema, o papel de contestar as projeções imaginárias do discurso patriótico e de rejeição do seu valor simbólico. Além disso, a posição em que se encontra a mulher, nesse poema, revela o contraste entre as promessas de abundância do discurso patriótico e a sua condição, confinada à esfera privada, sugestivamente em situação de espera, e dependente financeiramente do marido para sobreviver e cuidar da vida do seu filho. Aqui podemos pensar na relação entre capitalismo e os processos de desumanização e eliminação dos corpos que é investigada por Silvia Federici em seu livro *Calibã e a bruxa* (2017).

⁵ Não por acaso, o Hino da Independência, de autoria de Evaristo Ferreira da Veiga, em seu estribilho carrega o mesmo viés: “Brava gente brasileira! / Longe vá temor servil / Ou ficar a Pátria livre / Ou morrer pelo Brasil.” Não raro se encontra nos hinos nacionais de diversos lugares a mesma ideia.

Federici realiza um estudo minucioso sobre as circunstâncias históricas em que a caça às bruxas ocorreu e a relação entre o surgimento do capitalismo e o ataque genocida contra as mulheres. A pesquisa demonstra sobretudo como o sexismo e o racismo constituíram um aspecto central da acumulação e da formação do proletariado no mundo capitalista moderno. Federici (2017, p. 37) estabelece uma ligação direta entre o sistema econômico social capitalista, o sexismo e o racismo. Para que o sistema capitalista sobreviva, é preciso “justificar e mistificar as contradições incrustadas em suas relações sociais”, assim haverá sempre a promessa de liberdade diante das coações gerais e costumeiras, e a comum promessa de prosperidade diante da pobreza: “– E ele disse o que é pátria? Disse que Pátria é tudo o que nós temos”, ironiza Jacinta Passos (2010, p. 78). Assim, a pátria denunciada pela poeta é a pátria capitalista e carrega também essa noção de amenizar ou de mistificar suas contradições: “[...] é a nossa terra / e tudo de bom que esse nome encerra” (PASSOS, 2010, p. 78), cabendo à mulher trazer seu marido à realidade material. Não por acaso, e justamente por seus atos contestatórios, são os grupos explorados de mulheres, sujeitos colonizados, descendentes de escravizados, imigrantes e outros invisibilizados que possuem sua natureza constantemente difamada pelo sistema capitalista (FEDERICI, 2017, p. 37).

A contemporaneidade da perspectiva feminista configurada nos versos de Jacinta alinha-se também à elaboração da historiadora e cientista política feminista Françoise Vergès no livro recém-lançado no Brasil, *Um feminismo decolonial* (2020). Vergès denuncia a estrutura colonial nas relações atuais, propondo-se a repensar o feminismo por meio do entrecruzamento de questões de gênero e raça, já mapeadas pelo feminismo negro. A historiadora aponta as formas de dominação localizadas e torna visível a variável da desigualdade social ligada ao capitalismo. Trata-se de uma relação dialética entre “[...] os corpos eficientes da burguesia neoliberal e os corpos exaustos das mulheres negras” (VERGÈS, 2020, p. 19). Essa relação ilustra “os vínculos entre neoliberalismo, raça, gênero e heteropatriarcado” (VERGÈS, 2020, p. 19). Cabe principalmente às mulheres negras serem proprietárias de um corpo invisível, esgotado, consequência “[...] da lógica histórica do extrativismo que construiu a acumulação primitiva do capital – extração de trabalho dos corpos racializados e das terras colonizadas” (VERGÈS, 2020, p. 19). Tudo isso está historicamente ligado à escravatura, peça-chave da sustentação do sistema capitalista e colonial.

Em diferentes momentos da sua obra, Jacinta dirige o foco da atenção para os corpos exauridos das mulheres, desvelando o lugar sobredeterminado por marcas de discriminação e opressão das pessoas racializadas, trabalhadores das classes desfavorecidas, especialmente das mulheres negras: “[...] Bernadete é preta / [...] Bernadete é pobre, / é pobre sem um tostão. / Regina, Minervina, / Estelita e Conceição / - Pelo sinal da pobreza! / - Pelo sinal de mulher! / - Pelo sinal / da nossa cor.” (PASSOS, 2010, p. 92), o que evidencia a opressão normalizada da

engrenagem capitalista, que é ocultada e negada por estratégias discursivas que mantêm essa mesma engrenagem.

Por outro lado, dando vazão a seu pensamento utópico de uma comunidade universal, no poema “Chiquinha”, Jacinta vai percorrer a história para buscar mulheres que foram submetidas ao patriarcado, ao colonialismo severo, mas mantiveram a resistência como parte de seus corpos. O poema começa com um questionamento quase infantil: “[...]Chiquinha / tão frágil / magrinha [...] que doce esperança / mais forte que tudo, / à vida traz preso / teu corpo miúdo?” (PASSOS, 2010, p. 115) para, nas estrofes seguintes, percorrer a luta de mulheres quando escravas no Egito, na Mesopotâmia, Pérsia, Turquia, ou quando párias na Índia, China e Japão. Entram nessa cartografia também as mulheres apedrejadas na Judeia, silenciadas e seviciadas na Grécia e em Roma. Não se ausentam as mulheres da Idade Média, encasteladas “[...] nas torres feudais de imensos castelos”, cujos corpos foram arrancados “da terra, da vida / corpo sem raiz / feito puro espírito / mistério e tabu” (PASSOS, 2010, p. 117). Jacinta apresenta o começo da colonização, esse lado podre da modernidade, com uma estrofe de aguçada sensibilidade ética:

[...] E quando as Nações / nos tempos modernos, / abriram caminhos / ao mundo futuro, / caminhos no mar / em busca de terras / riquezas, escravos, / teu corpo apanhado / nas selvas da África / chegou ao mercado / vendido e comprado, / teu corpo de negra / teus braços de serva / teu sexo de fêmea, / teu ventre fecundo / produtor de escravos / dos donos do mundo. / Teu corpo apanhado / nas selvas da África / nas terras indígenas / nas tribos nativas / das ilhas do mar / teu corpo ajudou / Europa crescer / e um mundo a nascer / nas terras da América. (PASSOS, 2010, p. 117)

Para Jacinta, a pátria era a justiça social, a distribuição de renda e a igualdade entre gêneros, algo que se entrevê no poema “Diálogo num país qualquer”, mas que fica explícito em “Comunhão”, no qual a poeta clama pelo amor universal, numa ideia de congregação e agregação que, ao contrário do discurso nacionalista e patriótico, abarca as diferenças e não estabelece hierarquias. Neste poema, ela não só se dirige nominalmente a pessoas dos cinco continentes, mas também aponta para as hierarquias, o sistema de dominação e as classificações sociais advindas do mundo capitalista moderno:

[...] Homens de todas as regiões da Terra inteira / vinde ouvir meu canto de amor universal. / Homens de todas as raças de todas as nações e de todas as classes / Homens ricos e pobres / pobres escravizados aos ricos e ricos escravos do dinheiro / homens cultos e sábios, homens simples do povo, criminosos e santos, crianças imaculadas/ [...] prostitutas famintas de ternura humana / [...] Amor -

integração dos seres no mistério do Ser / revelação da vida em sua plenitude [...].
(PASSOS, 2010, p. 49-50)

Muito da contemporaneidade dos versos de Jacinta Passos deve-se à sua visão crítica direcionada ao projeto da modernidade e ao capitalismo e seus desdobramentos. Seus poemas carregam a lucidez da escritora e o seu olhar enviesado sobre as promessas de felicidade e liberdade implicadas no projeto da modernidade. Ela dirige o foco dos seus versos para o lado sombrio, recalçado, desse projeto, como, por exemplo, tudo aquilo que foi destituído para a constituição do mundo moderno capitalista. Essa visão crítica configurada nos poemas, e consolidada através do conjunto da obra, pode ser produtivamente expandida quando lida em articulação com o conceito Modernidade/colonialidade, usado pela primeira vez por Anibal Quijano (1992, p. 447) e posteriormente desenvolvido por Walter Dignolo (2007, p. 25-46; 2008, p. 287-324), e pela escola de pensamento latino-americana denominada modernidade/ colonialidade/ decolonialidade⁶. Esses pensadores referem-se à forma como os conceitos (modernidade e colonialidade) são indissociáveis, duas faces da mesma moeda. Eles procuram chamar a atenção para a relação entre o colonialismo e a narrativa da modernidade, por meio da qual grande parte da história do mundo passou a ser compreendida. A modernidade, então, é vista como um quadro epistemológico inseparavelmente ligado ao projeto colonial europeu. Colonialidade seria, então, o lado sombrio, no entanto constituinte, da modernidade. O conceito de colonialidade lança luz sobre as formas de dominação engendradas pelo colonialismo e pelas estruturas do sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno e suas hierarquias (GROSFOGUEL, 2010, p. 383-417). A colonialidade está espalhada por toda a parte, pois apoia-se numa matriz colonial do poder que é um fenômeno global.

Contrapondo-se à colonialidade, o pensamento decolonial reflete muito sobre a questão das pátrias e das nações, uma vez que os Estados-nação constituíram, a partir da modernidade, o modo de governança dominante em todo o planeta. De forma similar à esfera da governança, as esferas do conhecimento, da economia e um certo conceito de humanidade (que, amparado no racismo e sexismo, classifica os seres humanos em superiores e inferiores) formam a base da chamada matriz colonial do poder do sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno. Para

⁶ Para maiores informações ver “*Notas sobre la teoría de la colonialidad del poder y la estructuración de la sociedad en América Latina*”, de Pablo Quintero (Disponível em: <http://rephip.unr.edu.ar/bitstream/handle/2133/1586/n19a01.pdf?sequence=1>) e “*Modernidad / Colonialidad / Descolonialidad: Aclaraciones y réplicas desde un proyecto epistémico en el horizonte del bicentenario*”, de Grupo de Estudios sobre Colonialidad (Disponível em: **Pacarina del Sur** - <http://www.pacarinadelsur.com/home/abordajes-y-contiendas/108-modernidad--colonialidad--descolonialidad-aclaraciones-y-replicas-desde-un-proyecto-epistemico-en-el-horizonte-del-bicentenario>).

essa corrente de pensamento, se por um lado a independência dos países colonizados marca o fim do colonialismo, sua lógica e seu legado continuam introjetados não só na dinâmica das estruturas e instituições, mas também nas formas de representar, pensar e conceber o mundo, nas subjetividades e epistemologias. O caráter insidioso da colonialidade deve-se ao fato de estar assimilada e internalizada na estrutura de todas as dimensões da existência: no controle da economia, da autoridade, da natureza e recursos naturais, do gênero e da sexualidade, da subjetividade e do conhecimento (MIGNOLO, 2010, p. 12). O pensamento decolonial questiona a lógica da modernidade/colonialidade que opera nessas diferentes dimensões. Em última análise, a crítica decolonial examina e oferece formas de contestação dos efeitos da colonialidade, como, por exemplo, a predominância do racionalismo ocidental e o estabelecimento de verdades únicas e universais, a divisão do mundo em Estados-nação, a categorização dos seres humanos e a hierarquização de subjetividades.

Conforme nos diz Grada Kilomba em uma entrevista (*apud* BENTO, 2019), o colonialismo foi uma ferida ainda não tratada, uma ferida que dói de maneira constante, que tudo ao nosso redor ainda é colonialismo e por isso escrever ainda causa medo. No entanto, ainda se escreve, se pensa, se busca alternativas para enfrentar e sobrepujar não tanto o colonialismo, que em tese acabou, mas a colonialidade, essa espécie de consequência, ou de “ferida”, que ainda paira sobre muitos, principalmente sobre aqueles desumanizados e subjugados nesse processo. A crítica engendradora nos versos de Jacinta Passos revela uma consciência e uma preocupação constante em apontar para a ferida colonial e para os corpos exauridos e reificados que foram produzidos e naturalizados de acordo com a lógica da colonialidade/modernidade:

[...] Tu sabes / Chiquinha / que a máquina que move / o mundo moderno / te vem libertar? / Tu sabes / (isto sim, tu sabes) / a máquina tem dono / e tu tens apenas / teu corpo de carne / que pede comida / e roupa / e abrigo. [...] A máquina / é monstro de lenda / é monstro-dragão / devora teu corpo, / é bicho papão / é monstro danado / de muitas cabeças, / tem corpo-serpente, / rasteja no chão, / seu hálito arrasa / como um furacão, / tem língua de fogo / tem asas e voa, / ligeiro, ligeiro, / cuspidor dinheiro, / devora teu corpo, / devora teu povo, / seu sangue e suor. (PASSOS, 2010, p. 118-119)

Boa parte da literatura de Jacinta Passos foi escrita em Salvador, no Recôncavo Baiano e no Sul da Bahia, regiões profundamente marcadas pelos processos oligárquicos, patriarcais e escravistas. Apesar de a poeta advir das classes favorecidas, ser uma mulher branca e abastada, seus posicionamentos políticos, suas escolhas estéticas, seus olhares éticos e culturais enfrentaram as injustiças da herança do colonialismo. No enigmático “Pânico no planeta Marte”, a poeta

expõe um mundo dilacerado pela guerra e seus ditadores: “[...] Fechem a janela. De onde sopra o vento? / São uivos de cão. Agouro. Arrepio. / [...] vamos criar outro Hitler! / Vamos virar curinga, / cafuringa! / Salazar! / Mistura o preto com o branco, / Franco! / Qual o elixir que vai dar?” (PASSOS, 2010, p. 100). Todavia, há o chamado à resistência, aos enfrentamentos, às vozes que, historicamente, se opuseram ao martírio, à escravidão, às injustiças e lutaram, mas também há uma cobrança irônica sobre a sua geração que parece não ter o mesmo brio na luta: “[...] Olhem ali! Ali! / é a alma do negro Zumbi! De quem será esta voz? / É Lenine! Mateoti! Estão rindo, rindo de nós. / Trotsky, ressuscitai! Estamos morrendo! / Ninguém arranja um remédio / nem mesmo alegórico?” (PASSOS, 2010, p. 101).

A poesia de Jacinta Passos, portanto, alinha-se ao pensamento decolonial pela resistência que apresenta à lógica da Modernidade/Colonialidade. Além disso, ela também propõe a utopia de um mundo comum, ela imagina a sua comunidade:

[...] Vamos, maninha, / Passear no mapa-múndi / é bonito como um chão, / todo feito de mosaicos, / cada cor, uma nação. / Quanto azul! / Tem mais água do que terra, / tem mais peixe do que homem, / tem nação roxa, amarela, / - dê um pulo, pule o mar! – / verde, azul, cor de canela, de pimenta-malagueta, / cor da cara do Capeta / ou de cor já desbotada / tão pisada! / nação velha, sem idade, / como se pode saber? / nasceu antes do relógio /que fez o tempo nascer. (PASSOS, 2010. p. 88-89)

Ao tomar o mapa-múndi como objeto da sua brincadeira, o poema revela o olhar enviesado sobre a ordem que estabelece as relações e estratégias entre o poder político e os espaços geográficos. Esses aspectos ganham ressonância no contexto desses livros, pois apontam para a existência de outras formas de entender o mundo e para o limite do conhecimento ocidental: “[...] nação velha, sem idade, / como se pode saber? / nasceu antes do relógio / que fez o tempo nascer.” (PASSOS, 2010 p. 89). Coloca-se aqui, em foco, o predomínio da epistemologia e ontologia de orientação eurocêntrica e cientificista, que resultou no apagamento de outras visões de mundo e concepções acerca da existência humana. Esse aspecto é evidenciado, nos versos acima, através da alusão a um tempo que escapa à cronologia e ao racionalismo ocidental, assim como por meio da referência à velhice do mundo, cuja existência é muito anterior à sua divisão geopolítica em nações.

A estratégia de transformar o mapa-múndi em objeto de sua brincadeira destaca a ideia de que a ordem que o estabeleceu pode ser contestada ou subvertida. Os adjetivos “desbotada” e “pisada” são sugestivos dos maus-tratos infligidos ao mundo em nome da ordem instaurada pelo sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno. A figura do mapa-múndi também chama a atenção para a visão totalizante e para as estratégias de fechamento e hierarquização do discurso cartográfico. A cartografia surge como uma maneira de textualizar a realidade

espacial do outro, nomeando ou, de maneira geral, renomeando espaços num ato que é ao mesmo tempo simbólico e literal de domínio e controle (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2001, p. 31-32). Em *Comunidades imaginadas*, Benedict Anderson (2008, p. 227) destaca o papel fundamental desempenhado pelos mapas na forma como o Estado colonial imagina, e inventa, a si próprio a partir da era da reprodução mecânica. Anderson identifica, nas políticas e ideologias que sustentaram os Estados coloniais, o germe do nacionalismo, ainda que eles fossem antinacionalistas. Para o historiador e cientista político estadunidense, o mapa, ao lado do censo e do museu consistem nas três instituições de poder que tiveram uma influência decisiva à medida que as zonas colonizadas passam a participar da era de reprodução mecânica: “[...] juntas, elas moldaram profundamente a maneira pela qual o Estado colonial imaginava o seu domínio – a natureza dos seres humanos por ele governados, a geografia do seu território e a legitimidade do seu passado” (ANDERSON, 2008, p. 227).

O poema “Canção de Partida” evidencia a visão essencialista do mapa-múndi que, concebido como simulacro, apresenta uma visão homogênea de mundo que se afirma como única representação legítima da realidade, o reflexo do mundo que nega e suprime perspectivas alternativas que ameaçam o privilégio do sistema de valores que o concebeu. Essa visão aparece justaposta à dimensão da experiência vivida do lugar e das pessoas que habitam esse lugar. Ao se ler os poemas escritos na década de 1940 e publicados em *Canções de partida* e *Poemas políticos*, observa-se que, através da rememoração do passado e incorporação de fragmentos de cantigas populares, a poeta religa-se a uma legião de pessoas que são evocadas para se unirem ao seu canto. Desse modo, ela evoca os seus afetos e sua “gente marcada” (PASSOS, 2010, p. 92) pela marginalização para a invenção de uma espécie de nação universal que instaura uma irmandade de homens e mulheres.

Ao incorporar elementos da tradição popular em seus versos, como a melodia, as letras e as imagens das cantigas de roda e cantigas de trabalho, os poemas de Jacinta Passos evocam crenças, valores, modos de representação e formas de conhecimento associados às culturas de tradição oral, seu espírito de coletividade, e sua ênfase na experiência vivida, na corporeidade, na materialidade histórica e cultural, que constituem os processos de textualidade do lugar. Com isso, ela traz inquietações em relação às desigualdades de gênero, raça e classe, assim como uma crítica aos efeitos do projeto da modernidade e a denúncia dos anacronismos da herança patriarcal e colonial. Um dos recursos poéticos utilizados é uma aproximação rítmica e lexical ao samba de roda, visto em versos como: “[...] Passa / passa / passará / derradeiro ficará.” (PASSOS, 2010, p. 85), “[...] Eu fui por caminho. / Eu também. / Encontrei um passarinho. / Eu também.” (PASSOS, 2010, p. 96). “[...] Urupemba / urupemba / mandioca, aipim! / peneirar / peneirou / que restou no fim?” (PASSOS, 2010, p. 104). A utilização desse recurso, que Ildásio Tavares (2010, p. 547) chama de “tratamento alquímico”, é bastante significativa, uma vez

que, ao emular cantigas populares, faz com que o poema seja situado no tempo e espaço afetivo da infância da autora, no Recôncavo Baiano, ao mesmo tempo em que seus fragmentos imprimem ritmo, musicalidade e sentido aos poemas. Jacinta Passos, apesar de vir da “casa grande”, buscava uma integração entre a sua voz pessoal e a voz que a circundava, a voz dos subalternizados e silenciados pela exclusão racial e de classe. Conforme apontamos antes, muitas vezes o olhar da poeta foi para as mulheres que a circundavam, em outras, a questão do gênero dá lugar a uma discussão mais geral sobre classe. No poema “Metamorfose”, um homem pobre enriquece abruptamente, mas, mesmo tendo acesso financeiro às classes superiores, não se metamorfoseia completamente, pois carrega o estigma de sua vida anterior:

[...] O meu drama começou / serei moleque e rei mouro / serei dentro e serei fora / serei ontem e serei hoje / serei noite e luz de aurora? / Quem sois? Serei eu e serei tu, / serei Sancho e D. Quixote, / serei Deus e Belzebu? / Não posso viver assim! / Serei Pierrot e Arlequim, / serei anjo e homem carnal / serei o ser e o não-ser, / serei o bem e o mal? (PASSOS, 2010, p. 108)

Jacinta, foi uma mulher politizada, intelectual independente, conheceu os processos de desterritorialização dos corpos que não pertencem aos costumes e à moral da colonialidade. Sabia que poderia haver algum trânsito entre as classes, alguma abertura às mulheres e aos homens pobres e não brancos, mas os estigmas permaneceriam, as marcas sobretudo raciais e de gênero não seriam apagadas completamente: haveria sempre uma dubiedade, um olhar de soslaio determinando os espaços permitidos àqueles e àquelas que ousaram romper as estruturas. “Minha terra tem gaiola / onde canta o sabiá”, diz Jacinta (2010, p. 92), a certa altura, estabelecendo um jogo intertextual e irônico com o canônico e, talvez, o mais parodiado dos poemas brasileiros: “Canção de exílio”, de Gonçalves Dias. A poeta oferece uma contranarrativa ao nacionalismo ufanista e saudosista exaltado pelo poema de Gonçalves Dias, uma vez que justapõe à ideia de nacionalismo as histórias individuais de sujeitos marginalizados e subalternizados, que são ironicamente produzidos pela engrenagem que constituiu esse mesmo nacionalismo que se autoproclama inclusivo.

Considerações finais: “Já não vou sozinha agora”

O ato de partir se instaura e permeia tanto a ideia de se despedir de um mundo massacrado por injustiças como de partir para um mundo utópico, sem desigualdades sociais, capaz de agregar todas as gentes, capaz de transpor os abismos impostos pelo colonialismo e todas as suas formas de opressão. Trata-se de um processo de transição. Estar “de partida” é tanto estar em movimento de mudança de um lugar

para outro quanto no momento inicial em que se prepara para sair. Em Jacinta Passos, partir é também imaginar uma pátria igualitária; para isso, ela lança mão da utopia, da busca por essa nação a ser inventada que oferece uma crítica à própria ideia de nação, pois é configurada como um lugar sem localização geográfica definida, sem fronteiras nem limites, sem começo e sem fim, espécie de paraíso onde a terra encontra o céu. A poeta ilustra o abismo entre as ideias de unidade, coesão e continuidade, propagadas pelo discurso transparente das narrativas que deram sentido ao nacionalismo, e a experiência fragmentada e emudecida de sujeitos subalternizados, gente marcada pela pobreza e pela discriminação de gênero e de raça:

[...] O país para onde vamos / Vitalina! / fica aqui, fica na China, / fica nas bandas do Sul / fica lá no Polo Norte / principia onde termina / muito além daquele monte / lá na linha do horizonte / onde a terra encontra o céu. // Já não vou sozinha agora / vamos, meu povo, / diga adeus, vamos embora. (PASSOS, 2010, p. 95)

Muitas são as possibilidades de leitura provocadas pela força e pela contemporaneidade da obra de Jacinta Passos. Ao propor uma articulação entre os poemas da autora e o pensamento decolonial, buscamos explorar a maneira como os poemas oferecem um movimento de contestação à lógica da modernidade/colonialidade, que opera em diferentes dimensões – política, prática, cultural, teórica e epistêmica. Uma leitura mais abrangente de *Momento de poesia*, *Canções de partida* e *Poemas políticos*, além dos outros textos presentes na reunião *Jacinta Passos, coração militante...* revelará outros caminhos nessa direção, assim como apontará diferentes maneiras pelas quais esses poemas configuram meios de contestação às concepções fixas do nacionalismo, tão presente na época em que foram escritos. Jacinta foi uma poeta que viveu seu tempo e foi capaz de olhar o escuro de seu tempo, mas também se descolou dele, vendo-o pela via utópica de um mundo além das limitações impostas pelo colonialismo e pelo capitalismo. Enfrentou, lutou, perdeu, ganhou, mas sempre se esperançou na busca por sua comunidade imaginada. Os versos lidos neste artigo revelam o modo como a noção de comunidade na poesia de Jacinta Passos constitui uma outra ideia de nação, capaz de subverter aquela instaurada pelo discurso nacionalista e pela ordem do sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno. Esse aspecto é endossado pela atualidade do tratamento dado pela escritora a questões relacionadas a gênero e raça, que encontram ressonância quando articulados com o pensamento decolonial.

Jacinta parte de sua vivência num tempo e num território marcadamente colonial e patriarcal e cria uma obra em que os deslocamentos de sentido sobre as noções de pátria e nação são provocados não só a partir do caráter ambíguo e autorreflexivo da linguagem poética, mas também por meio de uma polifonia de

vozes de sujeitos subalternizados evocada pelos poemas, muitas vezes por meio do uso de vocativos. Desse modo, vimos que os poemas estudados tensionam o significado da “comunidade imaginada” da nação, uma vez que configuram uma outra noção de comunidade, a partir de uma linguagem poética que recorre à inspiração folclórica, que incorpora fragmentos de canções escravas, cantigas de roda, cantigas de trabalho e ditos populares, e encontra suas raízes em lugares materiais e simbólicos associados à cultura popular, à memória, à vida do Recôncavo da Bahia e à experiência de sujeitos marginalizados.

Por fim, apesar de toda a militância, de todos os enfrentamentos políticos, da atuação como jornalista e intelectual, de todos os posicionamentos éticos que ela sempre manteve, da atribulada vida pessoal, sobretudo em sua idade mais avançada, ressalta-se seu profundo apego à poesia. Foi da poesia que Jacinta Passos partiu para criar um mundo capaz de suplantar as injustiças, os apagamentos e silenciamentos de corpos que não pertencem às benesses do sistema, pois são aqueles que sustentam com seu trabalho, sua invisibilidade, sua escuridão, um sistema que se diz moderno. E foi para a poesia que Jacinta sempre voltou, fiel a seu poema manifesto que fecha seu primeiro livro:

A poesia está em mim mesma e para além de mim mesma.
Quando eu não for mais um indivíduo,
eu serei poesia.
Quando nada mais existir entre mim e todos os seres
os seres mais humildes do universo,
eu serei poesia.
Meu nome não importa.
Eu não serei eu, eu serei nós,
Serei poesia permanente,
poesia sem fronteira. (PASSOS, 2010, p. 81)

FREITAS, V. R. de; CUNHA, R. da. “I will not be myself, I will be us”: Jacinta Passos’s imagined community. *Itinerários*, Araraquara, n. 52, p. 115-132, jan./jun. 2021.

- **ABSTRACT:** *Jacinta Passos (1914 - 1973) was a Bahian writer, teacher, journalist, political activist, and feminist. In this article, we read poems published in the books *Momentos de poesia* (1942), *Canção de partida* (1945) and *Poemas políticos* (1951), gathered in the volume organized by her daughter, Janaina Amado, entitled *Jacinta Passos, coração militante* (2010). Our analysis is based on the perspective of “contemporary” by Agamben (2009), Anderson’s notion of “imagined communities” (2008), and decolonial studies. The utopia on the horizon of Jacinta Passos’s work*

“Eu não serei eu, eu serei nós”: a comunidade imaginada de Jacinta Passos.

reveals the double gesture of the contemporary writer mentioned by Agamben to adhere to her/his own time and, at the same time, to keep a distance from it in order to better see it. The treatment given by the writer to inequalities of race, gender, and class, as well as the plunge into the time of existence, of experience, in her poems, allow us to interrogate the linear time of the great narratives that gave meaning to the project of modernity and open space for other temporalities, for the active construction of our own present.

■ **KEYWORDS:** *Jacinta Passos. Imagined communities. Decolonial Studies. Feminism. Utopia.*

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó: Argos, 2009.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. **Key concepts in postcolonial studies.** 2. ed. London: Routledge, 2001.

BENTO, Helena. O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Dói sempre, por vezes infeta, e outras vezes sangra. **CEERT** – Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades. 3 jun. 2019. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/generomulher/24931/o-colonialismo-e-uma-ferida-que-nunca-foi-tratada-doi-sempre-por-vezes-infetae-outras-vezes-sangra>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CATROGA, F. Pátria e Nação. **CEDOPE.** Centro de documentação de pesquisa histórica. VII Jornada Setecentista - 2007 - Centro de Documentação e Pesquisa em História. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/jornadas/vii-jornada-setecentista-2007/>. Acesso em: 23 fev. 2021.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa:** mulheres, corpos e acumulação primitiva. Tradução do Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *In:* SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (Org.) **Epistemologias do sul.** Tradução de Alice Cruz, Inês Martins Ferreira, Isabel Abreu, Lennita Oliveira Ruggi, Victor Ferreira, Luís Filipe Sarmento. Coimbra, Portugal: Cortez, 2010. p. 115-147.

GRUPO DE ESTUDIOS SOBRE COLONIALIDAD. Modernidad / Colonialidad / Descolonialidad: Aclaraciones y réplicas desde un proyecto epistémico en el horizonte del bicentenario. **Pacarina del Sur** – Revista de Pensamiento Crítico Latinoamericano.

Disponível em: <http://www.pacarinadelsur.com/home/abordajes-y-contiendas/108-modernidad--colonialidad--descolonialidad-aclaraciones-y-replicas-desde-un-proyecto-epistemico-en-el-horizonte-del-bicentenario>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução de Ângela Lopes Norte. **Cadernos de Letras da UFF** - Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, W. D. **Desobediência epistêmica**: Retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad, y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MIGNOLO, W. D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: S. C. Gómez & R. Grosfoguel (Orgs.), **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 25-46.

PASSOS, J. **Jacinta Passos**, coração militante: obra completa - poesia e prosa, biografia, fortuna crítica. Pesquisa, organização, textos introdutórios, biografia e notas: Janaína Amado. Prefácio: José Mindlin. Salvador: Corrupio; EdUFBA, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. In: BONILLA, H. (Comp.) **Los conquistados**: 1492 y la población indígena de las Américas. Quito: Tercer Mundo-Libri-Mundi, 1992, p. 437-449.

QUINTERO, P. Notas sobre la teoría de la colonialidad del poder y la estructuración de la sociedad en América Latina. **Papeles de trabajo** n. 19-Junio 2010. Centro de Estudios Interdisciplinarios en Etnolingüística y Antropología Socio-Cultural. Universidad Nacional de Rosario. Disponível em: <http://rephip.unr.edu.ar/bitstream/handle/2133/1586/n19a01.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 fev. 2021.

TAVARES, I. A coluna de fogo. In: PASSOS, J. **Jacinta Passos**, coração militante obra completa - poesia e prosa, biografia, fortuna crítica. Salvador: Corrupio; EdUFBA, 2010.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamile Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: UBU Editora, 2019.

